



**ORGANIZAÇÃO
INTERNACIONAL
DO CAFÉ**

ICC 114-5

23 fevereiro 2015
Original: inglês

P

Conselho Internacional do Café
114.^a sessão
2 – 6 março 2015
Londres, Reino Unido

Sustentabilidade do setor cafeeiro na África

Antecedentes

Nos termos do Artigo 34 do Acordo Internacional do Café de 2007, a Organização Internacional do Café deve preparar estudos, pesquisas, relatórios técnicos e outros documentos sobre aspectos relevantes do setor cafeeiro para os Membros. Este documento contém um relatório sobre a sustentabilidade do setor cafeeiro africano.

Ação

Solicita-se ao Conselho que tome nota deste documento.

SUSTENTABILIDADE DO SETOR CAFEIRO NA ÁFRICA

INTRODUÇÃO

1. O café é um produto básico importante em muitos países africanos, seja em termos da obtenção de receita de exportação, seja como fonte de renda para os pequenos cafeicultores, marcando presença nos três principais setores econômicos. No setor primário, ele gera receita direta, emprego e produção. No setor secundário, o café é usado como insumo na indústria de processamento (torrefação). O setor terciário cobre sua comercialização no atacado e no varejo para consumo interno e para exportação. Essas atividades ampliam a cadeia de valor do café e contribuem para o crescimento econômico nacional de diversos países africanos.

2. O desenvolvimento sustentável pressupõe uma preocupação com a igualdade social entre gerações, que, logicamente, deve se estender à igualdade dentro da mesma geração. Para alcançá-la, três áreas precisam ser levadas em conta: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e respeito pelo meio ambiente. A sustentabilidade da economia cafeeira baseia-se no bem-estar dos diversos elos da cadeia, particularmente os produtores, que são o elo mais fraco nesta relação de poder. Mais precisamente, a sustentabilidade do cafeicultor lhe possibilitará alcançar metas ambientais e sociais e, ao mesmo tempo, lhe dará condições de competir eficazmente com outros participantes do mercado e realizar preços que cubram seus custos de produção e lhe permitam obter uma margem de lucros aceitável. O que é preciso indagar é se a cafeicultura é sustentável na África. O presente estudo usará os principais indicadores do desenvolvimento sustentável para avaliar a situação do setor cafeeiro africano.

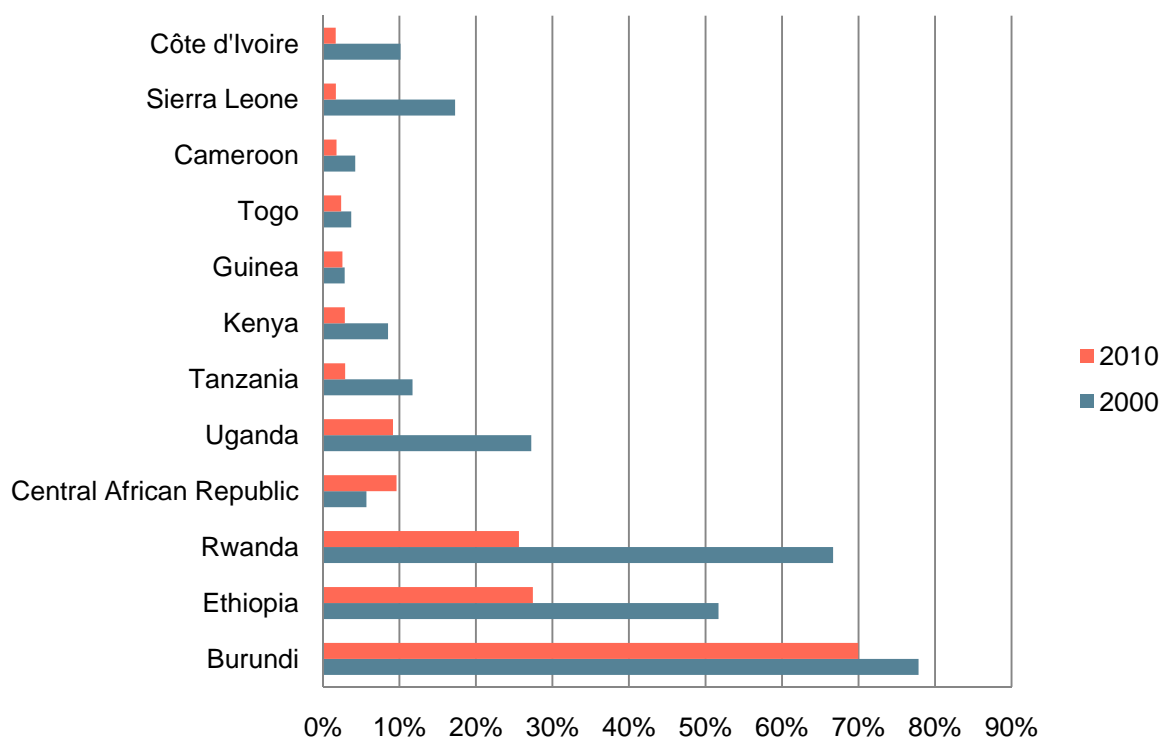
3. Convém notar que este relatório se limita a informações preliminares úteis para a avaliação da sustentabilidade do setor cafeeiro africano. Ele será revisado quando se dispuser de mais informações sobre os países focalizados. Os seguintes pontos serão cobertos:

- I. Dinâmica da produção de café africana
- II. Adoção de padrões de sustentabilidade na África
- III. Conclusão

I. DINÂMICA DA PRODUÇÃO DE CAFÉ AFRICANA

4. O cafeeiro é uma planta nativa da África, e foi na Etiópia que o hábito de tomar café inicialmente se desenvolveu. Suas duas variedades botânicas, Arábica e Robusta, se originaram na África. O café Robusta é cultivado em menores altitudes; o Arábica, em maiores altitudes e, frequentemente, em terrenos vulcânicos. O Arábica é de cultivo mais difícil e mais caro que o Robusta. O café é um dos produtos básicos mais importantes do continente, gerando receitas substanciais para as comunidades rurais, contribuindo para o combate à extrema pobreza e sendo a chave para alcançar a primeira das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs) das Nações Unidas. Ele é a fonte básica de receita para mais de 10 milhões de famílias nos 25 países africanos que o cultivam. Alguns desses países dependem do café como fonte primordial de receita para sua população rural e uma importante fonte de divisas de exportação. Ele faz um contributo crucial para a obtenção de receitas em divisas, além de responder por uma porcentagem significativa do imposto de renda e do produto interno bruto de diversos países (gráfico 1).

Gráfico 1: Participação do café no valor das exportações de todos os produtos básicos

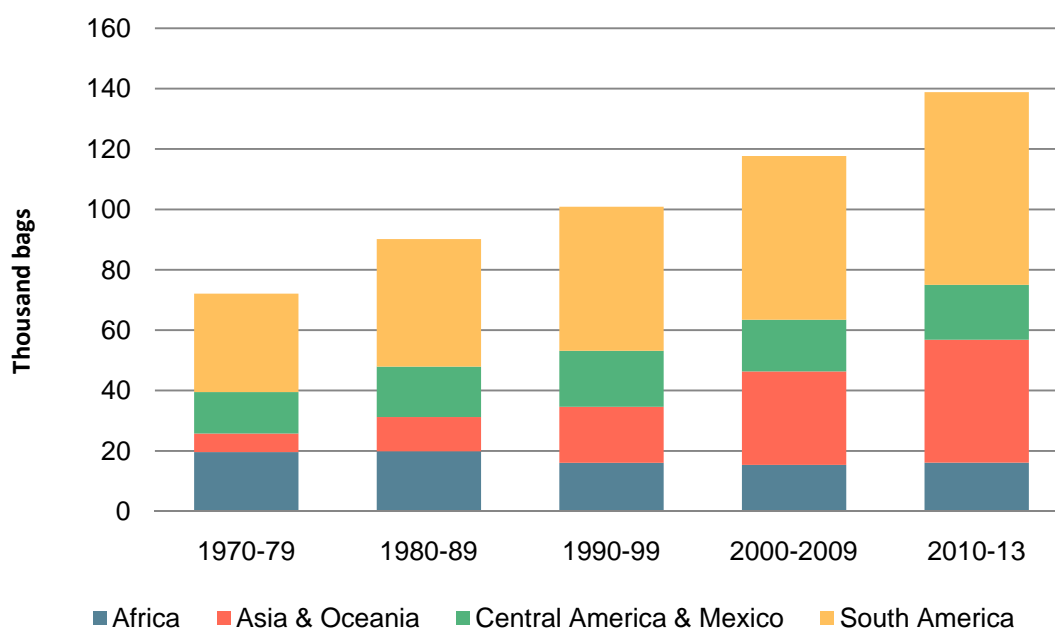


I.1 Produção de café na África

I.1.1 Tendências da produção no passado e no presente

5. A África é a região com o maior número de países produtores de café: 25, em contraste com 11 na Ásia e Oceania, 12 no México e América Central e 8 na América do Sul. A produção africana acusou um crescimento negativo nos últimos 43 anos, caindo de um volume médio de 19,7 milhões de sacas por ano-safra no período de regulação por quotas para 15,7 milhões no período de mercado livre. A participação da África na produção mundial, assim, diminuiu de 27,2% na década de 70 a uma média de 16% na década de 90 e de 13,1% desde o ano 2000. A partir de 1990 o que se observa é uma estagnação da produção, que em média não ultrapassa 19,6 milhões de sacas por ano (gráfico 2). Durante o período de mercado regulado, muitos países africanos não só se beneficiaram de um mercado garantido na União Europeia, sob a égide dos Acordos UE-ACP, e de preços garantidos aos produtores, como também de serviços normais de extensão. Em resultado, as áreas de plantio se expandiram rapidamente e a produção aumentou. Diversos fatores levaram ao subsequente declínio da produção, inicialmente atribuído a fatores estruturais como a baixa produtividade e a idade avançada dos cafeeiros. Seguiram-se os programas de liberalização implementados nos anos 90. Os conflitos regionais que afetaram certos países também tiveram seu papel nesse declínio. Estima-se que no ano-safra de 2013/14 a produção foi de 16,3 milhões de sacas. Desse volume, calcula-se que 10,2 milhões de sacas foram produzidas por apenas dois países (Etiópia e Uganda)¹.

Gráfico 2: Produção mundial (média)



¹ As estatísticas de produção usadas neste estudo datam de novembro de 2014.

6. Quanto a cada um dos países, convém notar que **Angola**, que em média respondia por 5% da produção mundial anual até meados da década de 70, perdeu seu lugar entre os maiores produtores da região, só tendo produzido 35.000 sacas em 2013/14, ante 4 milhões em 1972/73. A **República Democrática do Congo** e **Madagáscar** perderam grande parte de sua participação de mercado, produzindo 327.000 e 522.000, respectivamente. No entanto, os programas de reabilitação do café que estão sendo implementados nesses países, particularmente em Angola, poderão ajudar a inverter a tendência ao declínio. A **Côte d'Ivoire** e os **Camarões** ainda são produtores importantes, mas com uma produção substancialmente menor. Na **Côte d'Ivoire** a produção caiu de uma média anual de mais de 4 milhões de sacas até 1989/90 para 2,7 milhões desde 2000. A produção do país no ano-safra de 2013/14 é estimada em 2,1 milhões de sacas. Os **Camarões** vêm produzindo menos de um milhão de sacas por ano desde 2000, ante 1,5 milhão nas décadas de 80 e 90. A produção no país no ano-safra de 2013/14 é estimada em apenas 315.000 sacas.

7. Também se observa uma redução constante da produção do **Quênia**, onde desde 2000/01 o volume médio produzido caiu para menos de 800.000 sacas, ante 1,5 milhão no período de 1970/71 a 1999/2000. Estima-se que no ano-safra de 2013/14 a produção total do Quênia foi de 756.000 sacas. Até os anos 80, o café era a principal fonte de divisas do país, antes de ser ultrapassado pelo chá, a horticultura e o turismo. A **Tanzânia** é o quarto maior país africano produtor de café, com uma produção anual média de pouco menos de 800.000 sacas desde 2000. No ano-safra de 2012/13 houve uma melhoria substancial, com uma produção estimada em 1,1 milhão de sacas, mas o volume voltou a cair para menos de 800.000 sacas em 2013/14.

8. O crescimento mais dinâmico da produção africana se deu na **Etiópia**, que em média aumentou 2,7% por ano nos últimos 43 anos e, desde 1990, 5,5%. A tendência da produção etíope em geral é altista, apesar de algumas interrupções baixistas, e em 2013/14 o volume alcançado foi de 6,6 milhões de sacas. A Etiópia também é única na África por ter uma cultura de consumo interno vigoroso, que frequentemente absorve mais da metade da produção nacional. Em menor escala, **Uganda** registra um crescimento constante da produção, com uma média anual que flutua entre 2,7 e 2,9 milhões de sacas desde os anos 70. O volume produzido pelo país superou 3 milhões de sacas nos anos-safra de 2012/13 e 2013/14. O quadro 1 do Anexo mostra a produção média por país desde os anos 70, e o quadro 2, o desempenho recente, com início em 2010, e o ranking mundial de cada país.

I.1.2 Principais características da cafeicultura

i) Área cultivada com café e número de cafeicultores

9. Na cafeicultura de quase todos os países africanos, há um predomínio das pequenas propriedades, de tamanho que varia entre meio hectare e 10 hectares cada uma². O número de grandes propriedades ou fazendas é pequeno. O Malauí e a Zâmbia são as exceções, pois em sua cafeicultura predominam as grandes propriedades. No Quênia, propriedades desse tipo respondem por 40% do total da produção. O número total de cafeicultores diretamente envolvidos em atividades da produção de café na África é estimado em 9 a 11 milhões. Essa cifra pode diferir conforme a fonte, dependendo da definição estrita do conceito de cafeicultores individuais e familiares. O número total de núcleos familiares que se ocupam da cafeicultura é estimado em 7 milhões, e um núcleo médio consiste em dois adultos (marido e mulher). Em alguns casos, marido e mulher são registrados como cafeicultores, mas às vezes só os homens são considerados como tal. O quadro 3 do Anexo indica o número estimativo de núcleos familiares e a área cultivada com café, por país.

10. Para comparação, o Quadro 1 abaixo contém um resumo do número estimativo de cafeicultores e empregados nas quatro regiões cafeeiras e indica a participação percentual da população rural.

Quadro 1: Número de cafeicultores e participação média da população rural

	Número de cafeicultores	Número de empregados	TOTAL	Participação % da população rural no total da população	Participação % da população rural que cultiva café
Total África (25 países)	10 847 432	78 037	10 925 469	64	53
Ásia e Oceania (11)	4 072 000	129 994	4 201 994	64	24
América Central e México(12)	585 866	2 036 960	2 622 826	28	12
América do Sul (8)	1 479 000	810 500	2 289 500	32	11
TOTAL (56 países)	16 984 298	3 055 491	20 039 789		

11. Os modelos de estrutura fundiária na África variam de país para país e de região para região no mesmo país. Usa-se muito terreno para café nas áreas onde a escolha que se podem cultivar para exportar é pequena. Onde a possibilidade de diversificar é grande, usa-se menos terreno. Cabe notar que as principais decisões sobre questões relativas ao café são quase sempre tomadas pelos homens, que encabeçam a maioria dos núcleos familiares na África. Disso resulta que a família em que marido e mulher são cafeicultores costuma ser considerada composta por um cafeicultor em vez de dois. Pode-se razoavelmente estimar, todavia, que os cafeicultores e empregados totalizam 10,9 milhões de homens e mulheres.

² Em países como o Burundi, Malauí, Ruanda e Zimbábue, as pequenas propriedades de café podem chegar a ter apenas 100 cafeeiros.

12. Outra importante característica da cafeicultura africana é o envelhecimento dos cafeicultores, em média com mais de 60 anos, apesar de o continente possuir uma enorme população de jovens. Pessoas jovens e instruídas não participam da produção de café, devido a seus retornos pouco remunerativos.

ii) Sistemas agrícolas

13. Com poucas exceções, as pequenas propriedades não costumam ser bem desenvolvidas, devido à falta de equipamentos. Isso, por sua vez, se deve a investimentos limitados de capital para aumentar a eficiência. Muitos cafeicultores se dedicam a outros cultivos comerciais e de alimentos. Em muitos países, na África ocidental em particular, esses cultivos são extensivos, em um sistema que se caracteriza por um mínimo de insumos e produtividade muito baixa. O impacto desse sistema de agricultura extensiva é negativo em termos do desmatamento e uso hídrico. Em geral se usa de mão de obra familiar para manutenção dos cultivos, em certos casos com a ajuda de mão de obra contratada. A agricultura mista (café intercalado com cultivos de alimentos como banana, feijão, batata e outros) é geralmente praticada em toda a África. A maior parte dos cafezais foi estabelecida há várias décadas, e a idade dos cafeeiros é de mais de 30 anos. Em alguns países, porém, materiais melhorados de plantio foram introduzidos, em particular nos países produtores da África oriental. Instituições de pesquisa cafeeira fornecem materiais de plantio aos cafeicultores, mas, devido à limitação dos recursos das instituições, em diversos países as necessidades dos cafeicultores nem sempre são satisfeitas.

iii) Custos de produção

14. É difícil calcular os custos de produção, pois os pequenos cafeicultores dependem de mão de obra familiar e, ocasionalmente, de mão de obra contratada. A falta de registros também limita o cálculo desses custos e, em quase todos os países, os cafeicultores não dispõem de sistemas de controle dos mesmos. Não há indicadores confiáveis para referenciar o desempenho dos cafeicultores em relação aos diversos fatores normalmente levados em conta na avaliação da competitividade econômica. Os custos de produção incluem terra, água, cafeeiros, fertilizantes, pesticidas e mão de obra. Eles variam amplamente de país para país, devido a diferenças entre sistemas de comercialização, infraestrutura física (estradas, transporte, etc.), propriedade da terra e créditos disponíveis. A mão de obra e os fertilizantes são os fatores críticos na determinação dos custos de produção. Como tanto a mecanização quanto o uso de fertilizantes são raros na África, os custos de mão de obra representam mais de 70% do custo total de produção. Em alguns países da África oriental nota-se uma mudança demográfica à medida que os pequenos agricultores começam a usar mão de obra contratada para o manejo agrícola, numa área que tradicionalmente cabia à mão de obra familiar.

15. Os custos de produção do café Robusta tendem a ser mais baixos que os do Arábica, pois o preparo do café Arábica para o mercado exige mais insumos e processamento. Fertilizantes também são mais amplamente usados pelos produtores de Arábica que de Robusta. Na África oriental, o uso de fertilizantes e pesticidas requer um desembolso médio de mais de US\$600 por hectare. O controle de doenças responde por mais de 30% dos custos. Os custos de produção geralmente são mais baixos para as pequenas propriedades que para as grandes propriedades. No Burundi, por exemplo, o custo médio de produção para um cafeicultor que adota boas práticas agrícolas (fertilizantes e mão de obra) varia entre 50,1 e 57,6 centavos de dólar dos EUA por cafeeiro. Em média há 100 cafeeiros por propriedade.

I.2 A estrutura institucional do setor cafeeiro na África

16. Embora haja casos específicos a países, as instituições que fazem parte da cadeia de valor do café incluem órgãos reguladores do setor cafeeiro, organizações do setor privado (cooperativas, sindicatos de agricultores, processadores/exportadores), instituições de pesquisa e instituições que prestam serviços de extensão.

I.2.1 Órgãos reguladores do setor cafeeiro

17. As reformas do setor paraestatal que houve no contexto dos programas de ajustamento estrutural do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional levaram à dissolução das juntas de comercialização e à criação de órgãos reguladores em diversos países produtores africanos. As principais responsabilidades desses órgãos públicos incluem licenciamento de exportadores, arrecadação de impostos, controle de qualidade, serviços de informação sobre preços, desenvolvimento do setor como um todo e representação do setor em organizações internacionais e regionais do café. Apesar da liberalização, no entanto, alguns países continuam a influenciar a comercialização interna e externa (por exemplo, a Côte d'Ivoire).

I.2.2 Instituições de pesquisa e desenvolvimento

18. Os serviços de pesquisa cafeeira começaram durante o período colonial em diversos países da África. Entretanto, os países produtores africanos ainda são considerados como criadores marginais de novas tecnologias. Sua participação nas atividades mundiais de pesquisa e desenvolvimento é diminuta, em comparação com a dos países produtores da Ásia e Américas Central e do Sul. Geralmente, os programas de pesquisa nas instituições africanas só geraram novas tecnologias ou inovações em escala limitada. Avanços recentes foram conseguidos em instituições de pesquisa de países como a Côte d'Ivoire (CNRA), a Etiópia (JARC), o Quênia (CRF), a Tanzânia (TaCRI) e Uganda (NaCORRI), que desenvolveram com sucesso novos materiais vegetativos de alto rendimento e resistentes a doenças. No entanto, a propagação e adoção desses materiais pelos cafeicultores têm sido limitadas.

19. A transferência de tecnologia aos cafeicultores, a provisão de treinamento e outros serviços de consultoria agrícola em geral são de responsabilidade dos governos, através das organizações que prestam serviços de extensão ou das instituições de pesquisa. De toda forma, o que se tem feito em pesquisa e desenvolvimento tem tido pouco impacto no desenvolvimento socioeconômico e tecnológico de todo o continente. Muitas instituições de pesquisa sofrem de uma escassez de recursos e mão de obra bem treinada. Além disso, a agricultura em países como Angola, a República Democrática do Congo, a Guiné Equatorial, o Gabão e a Nigéria tem passado para segundo plano, em favor de setores econômicos mais atraentes como a mineração e a extração de petróleo.

I.2.3 Setor privado

20. As reformas do sistema de comercialização de café atraíram muitos novos exportadores e intermediários ao setor, e o setor vem-se organizando em associações, para melhorar o clima do mercado. Os cafeicultores também se organizaram em cooperativas e sindicatos, que, porém, são relativamente fracos em muitos países. Em Uganda e outros países produtores, o êxito inicial dessas cooperativas foi comprometido por interferências políticas e má administração. O Quênia, por sua vez, tem uma longa tradição de organizações de cafeicultores, pois a lei requer que eles formem cooperativas para gerir seus negócios. Na África ocidental, os movimentos cooperativos são relativamente novos.

I.3 Organização do mercado

21. Com a liberalização que começou no início dos anos 90, as intervenções governamentais têm-se limitado à regulamentação do setor, a comercialização ficando a cargo do setor privado. Países como a Côte d'Ivoire, porém, continuam a exercer controle limitado sobre a comercialização, garantindo preços mínimos aos cafeicultores e aprovando os preços de exportação obtidos pelos exportadores (*prix de déblocage*). Nos países que adotam um sistema de mercado livre, os preços são ditados pelo mercado internacional e transmitidos localmente através de um sistema de leilões (Etiópia, Quênia e Tanzânia) ou através de vendas diretas (Ruanda, Uganda, etc.). Em Uganda e Ruanda, o setor privado opera livremente na comercialização interna e externa de café, mas há certo nível de controle dentro do sistema de leilões na Etiópia, Quênia e Tanzânia. Em alguns países, os pequenos cafeicultores se organizam em cooperativas para melhorar a comercialização de seu café, mas a capacidade delas é limitada, devido à acanhada inversão de capitais em infraestrutura e à escassez de recursos financeiros. Em países onde existe a tradição de um movimento cooperativista como o Quênia e a Tanzânia, a situação é semelhante.

I.4 Financiamento das safras

22. Apesar da importância da agricultura na economia africana, seu financiamento tem sido marginalizado, pois o setor bancário tradicionalmente se esquia de emprestar à agricultura, devido à percepção ou realidade dos riscos inerentes. Em muitos países, o setor agrícola recebe menos de 4% do financiamento bancário, em comparação com os setores secundário e terciário, que absorvem mais de 30% e 60%, respectivamente. Os grandes fazendeiros em geral conseguem obter crédito ou levantar recursos através do setor formal com mais facilidade que os pequenos agricultores. Além disso, as operações relacionadas com a produção agrícola e pecuária são de menor interesse para os bancos que as atividades comerciais. Desde a liberalização, muitos bancos estatais de desenvolvimento e agrícolas foram desfeitos em diversos países produtores de café. No Quênia, a Corporação de Financiamento Agrícola, um órgão do setor público, costumava ser o principal canal usado pelo Governo para disponibilizar crédito para desenvolvimento e produção agrícola. Em 2006, o Governo estabeleceu um Fundo de Desenvolvimento do Café (FDC), que abriu crédito em condições acessíveis e sustentáveis para financiar a aquisição de insumos agrícolas e as operações destinadas a acelerar a produção de café de alta qualidade e possibilitar a obtenção de melhores receitas pelos cafeicultores. Enfeixado com outras entidades em um fundo maior, o FDC é atualmente conhecido como Fundo dos Produtos Básicos (*Commodities Fund*).

I.5 Desempenho das exportações de café africanas

23. O total das exportações dos países africanos vem diminuindo nas últimas três décadas, em resultado dos níveis decrescentes de produção em diversos países (gráfico 3). Nos anos 70, 80 e 90, respectivamente, a África respondeu por médias de 31%, 24,4% e 19,1% do total das exportações mundiais. Os três maiores países exportadores africanos até agora, nesta década, são Uganda (2,9% do total mundial e 28,7% da África), a Etiópia (2,7% e 26,4%) e a Côte d'Ivoire (1,4% e 13,4%). Nos anos 70, as participações mundiais dos três países foram, respectivamente, de 4,9%, 2,4% e 7,1%. No ano civil de 2013, o valor de todas as exportações de café verde dos países exportadores africanos foi de US\$1,8 bilhão, de um total de US\$15,9 bilhões das exportações mundiais, representando 11,4%, ante 21% em 1990 (gráfico 4).

Gráfico 3: Exportações de café africanas

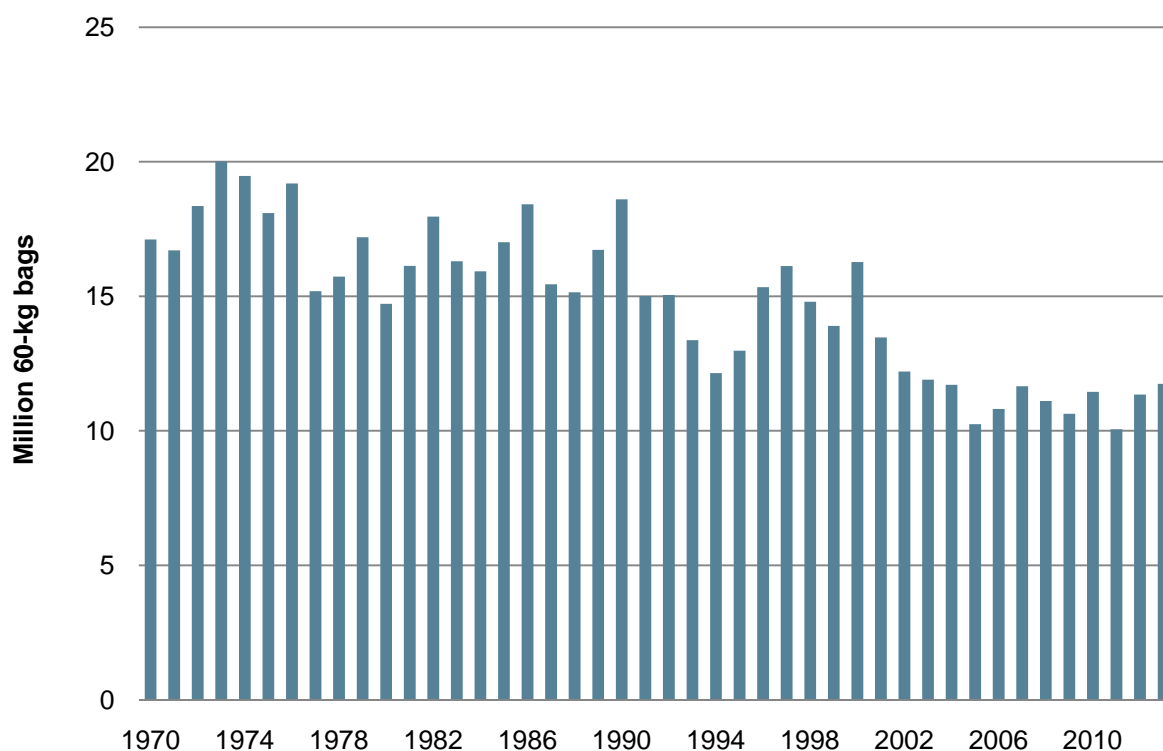
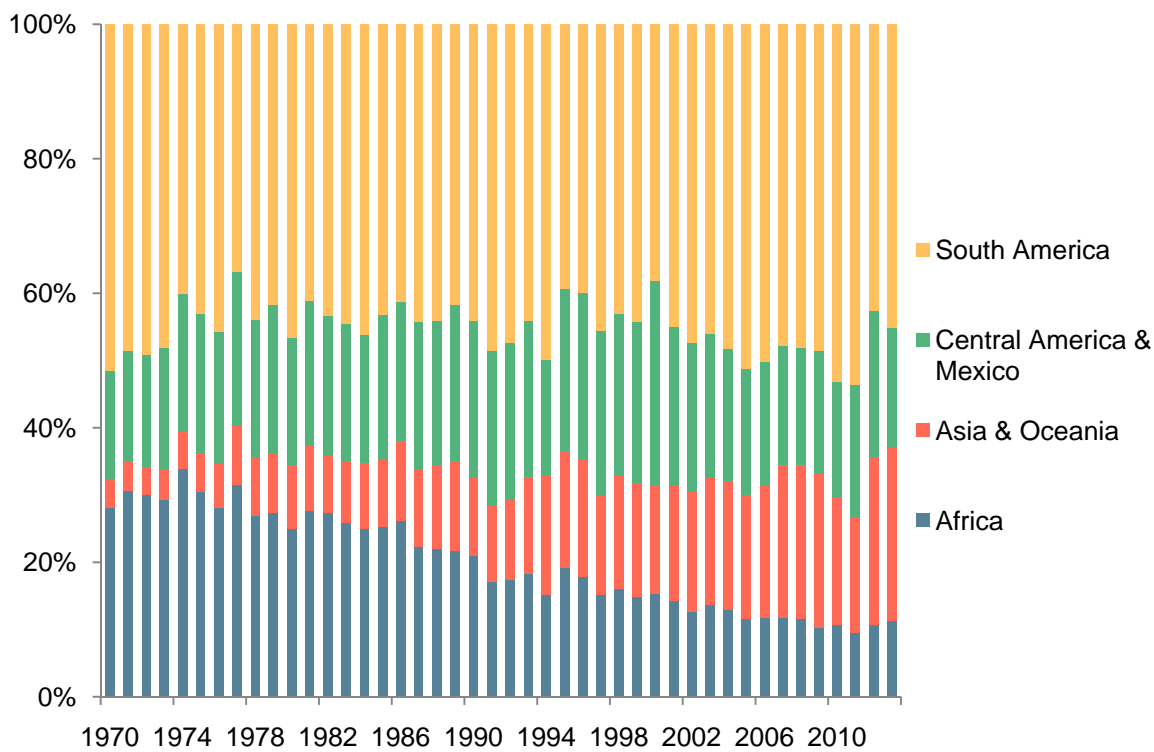


Gráfico 4: Participação no valor das exportações de café verde por região



I.6 Consumo interno

24. Apesar da falta de dados confiáveis sobre este aspecto nos países, os mercados internos estão crescendo para o café. A Etiópia continua sendo líder de consumo interno, com 3,6 milhões de sacas 2013/14. Esse volume representa 71,6% do total do consumo interno na África e 8% do total do consumo interno em todos os países exportadores (Box 1). Em países como os Camarões, a Côte d'Ivoire, o Quênia e Uganda, o consumo interno aumentou expressivamente nos últimos anos. Na República Centro-Africana a produção é pequena, mas o consumo é muito difundido, seja entre as populações rurais, seja entre as urbanas. Com o crescimento populacional do continente, existe na África enorme potencial para o aumento do consumo interno. No entanto, esse potencial ainda não se materializou no que tange ao consumo per capita, que se mantém muito baixo, em média só registrando 466 gramas (quadro 4 do Anexo). A elevação dos padrões de vida da população deve levar a um aumento do consumo de café, como nos mercados emergentes.

Box 1: A cerimônia do café etíope

A tradição forte e contínua do consumo de café na Etiópia é evidenciada pela conhecida cerimônia do café etíope: quando amigos se reúnem, os grãos são torrados em uma vasilha aberta, e os hóspedes são convidados a inalar seu aroma. O café é então triturado, usando pilão e almofariz, e preparado por infusão, usando uma jarra. Xícaras são postas em uma bandeja, e a bebida, despejada de uma boa altura, em um movimento contínuo. Deve-se encher as xícaras até a borda, em um gesto que sugere aos hóspedes o desejo de "plenitude da vida". O café é servido três vezes, e os hóspedes não devem se despedir antes de completada a cerimônia. A última rodada tem o nome de "baraka", ou bênção. Muitos consideram a cerimônia uma espécie de terapia de grupo, que permite discutir problemas em um ambiente descontraído.

II. ADOÇÃO DE PADRÕES DE SUSTENTABILIDADE NA ÁFRICA

II.1 Indicadores de sustentabilidade na cafeicultura

25. Sustentabilidade no setor cafeeiro refere-se não só a uma maneira de avaliar o bem-estar dos cafeicultores, como também a uma boa política de conservação do meio ambiente e promoção da igualdade social. Como indicado na introdução, a sustentabilidade permitirá a um cafeicultor alcançar metas ambientais e sociais e, ao mesmo tempo, lhe dará condições de competir com eficácia com outros participantes do mercado e obter preços que cubram seus custos de produção e lhe permitam conseguir uma margem razoável de lucros. A sustentabilidade do setor cafeeiro, portanto, assenta-se nos três pilares da sustentabilidade econômica, ambiental e social. O quadro 2 aponta indicadores que permitem avaliar a sustentabilidade com base em cada um dos três pilares.

Quadro 2: Indicadores de sustentabilidade no setor cafeeiro

Indicadores econômicos	Indicadores sociais	Indicadores ambientais
i) Receita adequada para os cafeicultores	i) Igualdade de gênero na cafeicultura	i) Adoção de Boas Práticas Agrícolas
ii) Maior produtividade agrícola	ii) Melhores condições de vida	ii) Manejo da fertilidade do solo sem prejudicá-lo
iii) Rentabilidade agrícola	iii) Condições de trabalho agrícola adequadas	iii) Manejo integrado de pragas & doenças
iv) Acesso ao mercado e transparência	iv) Melhoramento das aptidões dos cafeicultores	iv) Manejo adequado dos recursos hídricos
v) Produtos de qualidade e rastreabilidade	v) Segurança alimentar	v) Manejo dos detritos
vi) Acesso a financiamento	vi) Práticas agrícolas saudáveis	vi) Conservação da biodiversidade
vii) Atividades diversificadas para gerar receita	vii) Organizações eficazes de cafeicultores e impacto positivo em suas comunidades	vii) Proteção do terreno (florestal)

II.2 Principais sucessos rumo à sustentabilidade do setor cafeeiro na África

26. No contexto dos principais indicadores da sustentabilidade, onde posicionar o setor cafeeiro africano? Pelos critérios acima, agricultura sustentável é a produção eficiente de produtos agrícolas seguros, de alta qualidade, de maneira que proteja e melhore o meio ambiente natural, as condições socioeconômicas dos cafeicultores, seus empregados e suas comunidades, e que proteja a saúde e bem-estar de todas as espécies da agricultura.

II.2.1 Sustentabilidade econômica

i) Receita adequada para os cafeicultores

27. O preço pago aos cafeicultores é o principal fator que determina sua receita, embora o volume de produção desempenhe um papel importante. Quando os preços caem para menos que os custos marginais de produção, um círculo vicioso é criado, pois a manutenção das lavouras de café se torna difícil para os cafeicultores, levando a quedas ulteriores de produção e de receita. O quadro 5 do Anexo indica o preço pago aos cafeicultores como porcentagem do preço médio nas bolsas de futuros.

28. Os dados disponíveis com relação ao ano civil de 2013 mostram que, em média, os produtores de Robusta receberam mais de 50% do preço obtido na bolsa de futuros de Londres, particularmente nos casos de Uganda (80,2%), Togo (78,8%), Camarões (78,7%) e Côte d'Ivoire (58,7%). No caso de Angola, a porcentagem foi menor, pois só 37,2% do preço da bolsa de Londres chegaram aos cafeicultores em 2013, em contraste com 51,7% em 2012. Entre os produtores de Arábica, o preço obtido na bolsa de futuros de Nova Iorque no ano civil de 2013 representou 64% no caso dos Camarões, 58,7% da Etiópia e 54,1% de Uganda. Constatam-se porcentagens semelhantes quando os preços pagos aos produtores são comparados com o valor unitário das exportações (quadro 6 do Anexo).

ii) Produtividade agrícola

29. Como os preços de mercado das exportações de café verde estão fora do controle dos cafeicultores, é legítimo esperar que um aumento de produtividade mitigue a situação de seus custos de produção, contribuindo para melhorar suas receitas. Alta produtividade, portanto, é um fator importante para a produção sustentável de café. No entanto, baixa produtividade é observada em muitos países produtores africanos (quadro 7 do Anexo).

30. Na África, a produtividade costuma ser baixa e, em alguns países, ela está em queda. A média é de 0,1 a 0,8 toneladas por hectare. As estimativas relativas aos anos-safra de 2010/11 a 2013/14 indicam uma média de 408,7 kg/ha, embora nas grandes propriedades a média seja um pouco mais alta. A baixa produtividade da agricultura africana em geral se deve ao menor emprego de fertilizantes. Com a falta de intensificação da agricultura, a fronteira agrícola se expande e terras menos favoráveis ao cultivo se abrem. A demanda limitada de fertilizantes pelos pequenos agricultores também se deve a seus preços mais altos, no contexto de preços de porteira de fazenda relativamente baixos. Por outras palavras, o uso de agroquímicos como os fertilizantes é pequeno, devido aos altos custos associados com esses insumos.

31. A produção africana é seriamente debilitada pela dependência de variedades de café obsoletas e frequentemente improdutivas, face à prevalência de pragas e doenças como a ferrugem, a broca do grão, a broca do tronco, o percevejo antestia e a traqueomicose, entre outras. A maioria das variedades que hoje se cultivam nos diferentes países é suscetível à ferrugem e à broca do grão. Convém notar, contudo, que a Fundação de Pesquisa do Café, no Quênia, recentemente desenvolveu uma nova variedade conhecida como “Batian”, que tem alto potencial de produtividade, além de ser tolerante a importantes doenças do café como a ferrugem e as doenças do grão. Medidas positivas foram tomadas para incrementar a produtividade através de estratégias de desenvolvimento em diversos países (Camarões, Côte d'Ivoire, Tanzânia, Uganda, etc.). Também se observa que um número significativo de cafeicultores e associações de cafeicultores se beneficiaram de programas para promover a sustentabilidade do café em países como a Etiópia, o Quênia, Ruanda, a Tanzânia e Uganda. Em vista do tamanho das comunidades agrícolas, porém, essas iniciativas só cobrem uma proporção muito pequena dos cafeicultores.

iii) Acesso ao mercado

32. A organização dos cafeicultores em grupos estruturados facilita o acesso ao mercado e reduz os custos de transação. Reduz também o custo dos insumos, através de compras em grupo, a preços vantajosos. Muito poucos países exportadores da África possuem

cooperativas de produtores bem estruturadas, com a capacidade financeira e administrativa necessária. A maioria das cooperativas ou sociedades básicas, com exceção das de alguns países com farta experiência no movimento cooperativo rural, são fracas e precisam de ser fortalecidas. Tem-se notícia de um pequeno número de associações de agricultores que estabeleceram elos com o mercado através de programas de desenvolvimento apoiados por doadores e ONGs. Embora progresso perceptível tenha sido feito, o acesso ao mercado por associações de agricultores em geral continua fraco em quase todos os países produtores do continente.

iv) Acesso a financiamento

33. Muitos desafios continuam existindo em matéria de financiamento, pois as taxas de juros são altas demais (20 a 28%) e o acesso dos pequenos cafeicultores a crédito é limitado. Devido à imprevisibilidade da produção agrícola, resultante da alta dependência em relação a fatores exógenos, a abertura de crédito pelos bancos comerciais é rara em muitos países africanos. As grandes fazendas ou propriedades comerciais dispõem de seus próprios canais de financiamento – em geral bancos comerciais. Os bancos preferem emprestar a outros setores. No Quênia, porém, os créditos aos pequenos agricultores através de sociedades cooperativas são relativamente bem desenvolvidos. Em muitos países da África ocidental, as experiências de crédito rural acabaram em fracasso, devido a numerosas inadimplências. Com a ausência de facilidades de crédito, os pequenos cafeicultores minimizam suas despesas reduzindo os cuidados à lavoura e o manejo de pragas e doenças. Em alguns países, a maioria dos cafeicultores continua a depender de emprestadores das vilas locais para crédito. Esses emprestadores cobram juros muito altos pelos débitos contraídos, que são pagos com o fornecimento do café colhido.

v) Diversificação das atividades para gerar receita

34. O desenvolvimento de outras atividades agrícolas garante receita aos cafeicultores, levando à produção sustentável de café e lhes dando condições para gerir melhor os ciclos eventuais de preços baixos do café. A diversificação de cultivos tem o objetivo de criar escolhas mais amplas mediante cultivo de uma série de produtos em conjunção com o café, de maneira a expandir as atividades ligadas à produção a vários cultivos e reduzir os riscos. Em muitos países africanos a cafeicultura é associada com os cultivos alimentares para consumo doméstico (Camarões, Côte d'Ivoire, Tanzânia e Uganda). Onde os pequenos cafeicultores investem em atividades como criação de gado ou de aves, a cafeicultura frequentemente é exposta ao risco de abandono nas épocas de preços baixos do café. Na África ocidental e central, muitos cafeicultores substituíram seus cafezais por plantações de borracha natural (Camarões e Côte d'Ivoire).

II.2.2 Sustentabilidade social

i) Igualdade de gênero na cafeicultura

35. A igualdade de gênero na agricultura é uma questão complexa no contexto da sociologia africana. Via de regra, a família é chefiada pelo marido, mas a esposa participa de todas as decisões relacionadas com a família, incluindo as referentes à agricultura. Uma cafeicultora solteira tem os mesmos direitos que um cafeicultor solteiro. No entanto, há algumas diferenças entre os países. No Togo, 85% dos cafeicultores são homens e 15% mulheres. Convém notar, sobretudo, que, entre casais casados, a propriedade da terra e das lavouras de café por mulheres ainda não está clara e, quando um casal se divorcia, a mulher divorciada fica sem direitos de propriedade em diversos países.

ii) Melhores condições de vida

36. A melhoria das condições de vida dos cafeicultores e seus empregados foi incluída nas estratégias de desenvolvimento de diversos países da África. Tem-se notado que as condições de vida dos cafeicultores são melhor protegidas quando eles se organizam em cooperativas capazes de mobilizar recursos para desenvolver suas comunidades. Em alguns países já houve progresso nesse sentido, mas em outros o desafio continua grande.

iii) Condições de trabalho adequadas: condições de produção saudáveis

37. As grandes propriedades em geral usam mão de obra contratada, mas representam menos de 5% das propriedades de café na África. Quanto às pequenas propriedades, a avaliação das condições de vida de seus empregados, em termos de moradia e educação, constitui um desafio. Todos os agricultores têm direito a receber treinamento em boas práticas agrícolas, que incluem medidas de segurança para proteger sua saúde.

iv) Melhoramento das aptidões dos cafeicultores através da provisão dos serviços de extensão e treinamento relevantes

38. Um sério desafio à cafeicultura africana é a provisão de serviços de extensão aos pequenos cafeicultores. Os serviços de extensão são inadequados ou mal equipados em quase todos os países. Em alguns deles, como a Etiópia, o Quênia, Ruanda, a Tanzânia e Uganda, houve muito progresso, mas o desafio se mantém, pois a provisão desses serviços é um processo contínuo, exigindo grandes recursos financeiros e humanos. Já não podendo continuar a oferecê-los, muitos governos deixaram para o setor privado a responsabilidade de preencher a lacuna. Entretanto, medidas colaborativas entre os setores privado e público são necessárias para fazer face a esta questão crítica.

v) *Organizações eficazes de cafeicultores e impacto positivo em suas comunidades*

39. Um pequeno número de organizações de cafeicultores teve êxito na melhoria das infraestruturas sociais de suas comunidades, incluindo entre suas realizações a construção de escolas, de centros de saúde e até de estradas para conseguir melhor acesso às propriedades. No entanto, esses resultados positivos nas zonas rurais são muito raros e dependem de programas financiados por doadores.

II.2.3 Sustentabilidade ambiental do setor cafeeiro africano

40. Em muitos países da África, a produção de café e outros cultivos pecuniários teve um impacto muito grande sobre o meio ambiente, em termos de desmatamento e uso hídrico. Agora, porém, tem-se uma consciência muito mais aguda da necessidade do emprego de práticas agrícolas ecoamigáveis.

i) *Adoção de boas práticas agrícolas*

41. É importante saber se os cafeicultores na África recebem serviços de extensão para melhorar suas práticas agrícolas. As práticas básicas incluem plantio, capina, poda, aplicação de cobertura vegetal, controle da erosão do solo e fertilização. Como mencionado acima, a provisão de serviços de extensão aos cafeicultores se tornou demasiado cara desde o final da intervenção dos governos em quase todos os países africanos.

ii) *Manejo adequado da fertilidade do solo (uso de fertilizantes não prejudiciais)*

42. As práticas agronômicas adotadas em diversos países africanos são poucas, consistindo principalmente na capina, poda e aplicação de cobertura vegetal. O uso de agroquímicos como fertilizantes é limitado. A esse respeito, todos os países africanos, incluindo os que não produzem café, só respondem por 1% do consumo mundial de fertilizantes. Em média, 8 kg de fertilizantes são usados por hectare na África. Só mais ou menos 10 países, de um total de 58, usam fertilizantes na agricultura. Os principais usuários de fertilizantes da região (Egito, Marrocos e África do Sul) não produzem café. Países produtores como os Camarões, a Côte d'Ivoire, a Etiópia, o Quênia, a Tanzânia e Uganda usam fertilizantes na cafeicultura, mas apenas em escala relativamente modesta, em comparação com outras regiões produtoras. A falta inerente de fertilidade, juntamente com a mineração generalizada de nutrientes do solo, levou à expansão das fronteiras agrícolas e à abertura de solos menos favoráveis ao cultivo no continente. Convém notar, todavia, que a Etiópia e o Quênia são uma exceção notável entre os países produtores africanos, pois seu consumo anual de fertilizantes é significativamente maior. A maior parte dos fertilizantes é usada no cultivo de alimentos, de milho em particular. No Quênia, o uso de fertilizantes pela cafeicultura só equivale a 5,5% do consumo total de fertilizantes por ano.

iii) Manejo integrado de pragas e doenças

43. O uso de fungicidas e pesticidas continua sendo o meio mais eficaz de controlar as pragas e doenças do café, como indica um estudo sobre o manejo da ferrugem do cafeeiro realizado recentemente em quatro países africanos (Quênia, Ruanda, Uganda e Zimbábue).

iv) Manejo dos efluentes de águas residuais (processamento por via úmida)

44. O processamento por via úmida gera águas residuais que podem poluir as nascentes hídricas, afetando o meio ambiente, ampliando os riscos à saúde das comunidades e pondo em perigo sustentabilidade do setor cafeeiro. Poluição hídrica criada pelo processamento de café nas estações de lavagem ocorre em diversos países africanos. Os efluentes das estações de lavagem na verdade fluem para os terrenos mais baixos e entram nos riachos ou rios nesses terrenos, representando um risco significativo à saúde dos agricultores e suas famílias. Outros impactos ecológicos são causados pelo despejo de poluentes orgânicos nos cursos d'água, reduzindo os níveis de oxigênio para as plantas e animais aquáticos. Recursos substanciais ainda são necessários para ajudar diversos países e cooperativas a adotar medidas corretivas.

v) Outros indicadores de práticas ecoamigáveis

45. Muitos outros indicadores de sustentabilidade na cafeicultura têm sido utilizados pelos programas de certificação em diversos países. Eles incluem a proteção do solo, o manejo dos detritos e a conservação da biodiversidade.

II.3 Oportunidades e desafios para conseguir um setor cafeeiro sustentável na África

II.3.1 Oportunidades

46. Há potencial para melhoras significativas em diversas áreas da cadeia de valor do café na África. Nos últimos anos, iniciativas de sustentabilidade em número cada vez maior têm surgido em apoio dos cafeicultores. Entre elas, os padrões de certificação sobressaem como método para promover normas econômicas, sociais e ambientais para a produção e comercialização de café, e tem-se sugerido que certificação de cafeicultores é uma estratégia útil para melhorar a posição dos pequenos cafeicultores no setor. Na África oriental, em particular, há hoje sete entidades que oferecem certificação ao setor cafeeiro. Os padrões de certificação proporcionam estratégias para fortalecer a produção sustentável de café e o comércio responsável e, apesar de serem vários, eles compartilham o mesmo

objetivo de melhorar os meios de subsistência dos cafeicultores e a sustentabilidade do setor. A expectativa é de que, através dos programas de certificação, os cafeicultores se beneficiem de elos com o mercado, através de acordos contratuais de longa duração com os compradores que diminuam sua exposição à volatilidade dos preços e lhes deem maior poder de negociação.

47. As cooperativas de agricultores têm o potencial de proporcionar ao respectivo setor uma série extensa de funções importantes, permitindo aos agricultores combinar recursos para reduzir os custos dos insumos e da produção, desenvolver técnicas mais eficientes, melhorar a pesquisa e a transferência de tecnologia e colocar de modo eficaz os produtos de seus membros no mercado. As cooperativas também podem desempenhar um papel importante no processo de comercialização, abreviando a cadeia da oferta através de interações diretas com os exportadores e processadores para reduzir os custos de transação e riscos de mercado. Também se julga que as cooperativas ou associações de agricultores são cruciais quando se trata de melhorar o volume e a qualidade do café e garantir a confiabilidade dos pequenos produtores como fornecedores preferidos na cadeia de valor.

II.3.2 Desafios

48. Em que medida a África está pronta para um setor cafeeiro sustentável? Muitos cafeicultores ainda precisam ser convencidos de que é possível conseguir alta produtividade de forma lucrativa, observando práticas sustentáveis. Embora várias iniciativas tenham demonstrado os ganhos potenciais, levará tempo para transformar todo o setor cafeeiro do continente de modo que lhe permita observar padrões internacionais de sustentabilidade. Com a capacidade limitada dos provedores de serviços de extensão, as organizações dos cafeicultores (cooperativas ou sindicatos) são o pilar mais forte da sustentabilidade do setor cafeeiro na África. Onde a cafeicultura é dominada por pequenos cafeicultores pobres, as cooperativas podem ser usadas como instrumentos para difundir práticas agrícolas sustentáveis ou modelos de agricultura sustentável. Isso tem sido demonstrado com êxito por algumas cooperativas de Uganda, mas ainda será preciso cobrir um número maior de cafeicultores.

49. Embora alguns países mostrem resultados positivos na transição para a sustentabilidade, os seguintes desafios específicos ainda precisam ser enfrentados:

- Baixa produtividade e conseqüente baixa rentabilidade econômica da cafeicultura
- Vulnerabilidade dos cafeicultores a preços baixos e baixa renda
- Capacidade organizacional dos pequenos cafeicultores fraca
- Posição de comercialização dos pequenos cafeicultores fraca
- Redução ou inexistência dos serviços de extensão prestados aos pequenos cafeicultores
- Baixa adoção de novas tecnologias

CONCLUSÃO

50. Ainda que muitas iniciativas tenham sido adotadas em alguns países, numerosos desafios continuam a se antepor à consecução de um setor cafeeiro sustentável na África. O principal deles é conseguir a transição do setor de uma atividade de subsistência para uma atividade empresarial. Os cafeicultores precisam obter renda sustentável e certeza de sustento no longo prazo.

51. A produtividade ainda é demasiado baixa para garantir a sustentabilidade da produção de café em períodos longos de preços baixos. Em muitos países africanos, o setor dos pequenos produtores consiste em uma multiplicidade de pequenas operações agrícolas dispersas, frequentemente com acesso físico limitado e comunicações muito pobres. Além disso, como o apoio da pesquisa e extensão é muito fraco, os cafeicultores de muitos países são muito lentos na adoção das boas práticas que levam à alta qualidade e produtividade necessárias.

52. Por último, deve-se notar que, quando sua renda diminui, os pequenos cafeicultores são tentados ou forçados a limitar as práticas que protegem a qualidade do solo. A limitação dos recursos disponíveis, além disso, faz com que os serviços de apoio reduzam o treinamento básico, em que conhecimentos são transmitidos, por exemplo, sobre o uso de insumos, a reciclagem de detritos orgânicos para produzir fertilizantes e as espécies biológicas que favorecem a drenagem apropriada do solo e a oxigenação. Trata-se de um sério desafio à agricultura sustentável, pois a dimensão humana da sustentabilidade repousa na redução da pobreza e da desigualdade e no acesso a recursos, cuidados de saúde e educação. O perfil do setor cafeeiro, porém, precisa continuar a ser realçado, para que o setor se ponha à altura de implementar os padrões de sustentabilidade para tanto.

Quadro 1: Produção média

País	1970s	1980s	1990s	2000s	2013/14*
Total África	19 629	19 888	16 078	15 381	16 275
Côte d'Ivoire	4 155	4 338	3 448	2 692	2 100
Etiópia	2 982	3 128	2 973	4 904	6 600
Uganda	2 692	2 724	2 811	2 924	3 600
Angola	2 199	278	65	33	35
Camarões	1 462	1 771	1 022	834	315
Congo, Rep. Dem. do	1 306	1 610	1 019	383	350
Quênia	1 286	1 726	1 377	766	750
Madagáscar	1 103	1 092	780	490	571
Tanzânia	856	875	779	793	799
Ruanda	376	583	347	314	246
Burundi	373	526	476	312	161
Rep. Centro-Africana	180	271	173	68	25
Togo	155	251	223	143	100
Serra Leoa	135	163	47	53	70
Libéria	111	106	6	9	10
Guiné	56	86	168	397	400
Nigéria	49	29	46	48	42
Gana	46	12	51	29	60
Zimbábue	46	163	136	74	7
Congo, Rep. do	33	35	5	3	3
Benin	18	33	0	0	0
Gabão	7	25	3	1	1
Malauí	3	47	84	33	21
Guiné Equatorial	0	9	2	0	0
Zâmbia	0	7	35	81	8

* Estimativa

Em milhares de sacas de 60 kg

Quadro 2: Produção média na década de 2010 e ranking mundial

	2010s	%	
Mundo	138 821		
América do Sul	63 778	45.94%	
Ásia e Oceania	40 696	29.32%	
América Central e México	18 204	13.11%	
África	16 143	11.63%	
País		Participação %	Ranking mundial
Etiópia	6 783	4.89%	5
Uganda	3 330	2.40%	11
Côte d'Ivoire	1 753	1.26%	13
Tanzânia	825	0.59%	18
Quênia	756	0.54%	20
Madagáscar	556	0.40%	22
Camarões	440	0.32%	25
Guiné	374	0.27%	26
Congo, República Democrática do	336	0.24%	28
Burundi	281	0.20%	29
Ruanda	270	0.19%	30
Togo	125	0.09%	34
República Centro-Africana	65	0.05%	37
Serra Leoa	61	0.04%	38
Gana	58	0.04%	39
Nigéria	43	0.03%	41
Angola	33	0.02%	43
Malauí	22	0.02%	44
Libéria	10	0.01%	48
Zâmbia	10	0.01%	49
Zimbábue	8	0.01%	50
Congo, República do	3	0.00%	51
Gabão	1	0.00%	54
Benin	0	0.00%	55
Guiné Equatorial	0	0.00%	56

Quadro 4 : Consumo interno africano e população

	Total da população (milhares)	Consumo interno em 2013/14 (toneladas)	Consumo per capita (kg)	Participação % no total do consumo africano
Países produtores africanos	656 133	305 580	0.466	100,00%
Angola	20 609	1 800	0.087	0,59%
Uganda	32 939	8 400	0.255	2,75%
Côte d'Ivoire	21 395	19 020	0.889	6,22%
Etiópia	84 321	219 000	2.597	71,67%
Camarões	19 406	4 140	0.213	1,35%
Congo, República Democrática do	65 966	12 000	0.182	3,93%
Madagáscar	20 696	28 020	1.354	9,17%
Quênia	38 610	3 000	0.078	0,98%
Tanzânia	43 188	2 820	0.065	0,92%
Burundi	10 200	120	0.012	0,04%
Togo	6 191	120	0.019	0,00%
Ruanda	10 718	60	0.006	0,02%
República Centro-Africana	5 000	480	0.096	0,16%
Serra Leoa	5 400	300	0.056	0,10%
Guiné	10 537	120	0.011	0,04%
Gana	24 223	120	0.005	0,04%
Libéria	3 477	300	0.086	0,10%
Nigéria	177 500	2 400	0.014	0,79%
Congo, República do	4 043	180	0.045	0,06%
Benin	10 300	0	0.000	0,00%
Gabão	1 505	0	0.000	0,00%
Malauí	13 102	60	0.005	0,02%
Guiné Equatorial	700	0	0.000	0,00%
Zâmbia	13 046	0	0.000	0,00%
Zimbábue	13 061	240	0.018	0,08%

**Quadro 5: Preço pago aos cafeicultores como porcentagem dos preços nas bolsas de futuros
Café Arábica**

	Burundi	Camarões	Etiópia	Quênia	Madagáscar	Malauí	Ruanda	Tanzânia	Uganda	Zâmbia
1990	61,9%	34,4%	65,1%	64,6%	n.d.	90,5%	79,1%	43,5%	16,3%	95,7%
1991	61,7%	31,7%	76,5%	56,8%	n.d.	79,6%	56,5%	55,5%	33,2%	78,9%
1992	86,9%	42,2%	89,8%	42,5%	n.d.	71,4%	71,8%	72,1%	29,3%	51,3%
1993	81,7%	32,6%	86,5%	66,8%	n.d.	80,4%	63,4%	53,7%	35,1%	76,4%
1994	41,6%	60,5%	75,1%	104,6%	n.d.	63,3%	33,9%	42,6%	42,0%	60,5%
1995	38,9%	58,6%	79,0%	96,3%	60,0%	86,1%	37,7%	59,6%	46,8%	47,6%
1996	46,8%	72,8%	60,9%	99,0%	85,2%	86,0%	49,9%	56,3%	47,7%	73,3%
1997	32,4%	26,8%	55,8%	112,9%	36,0%	66,7%	34,6%	72,7%	48,7%	74,8%
1998	41,4%	52,9%	72,8%	142,5%	39,9%	80,4%	44,1%	71,8%	56,5%	103,6%
1999	43,7%	83,0%	61,6%	98,8%	40,8%	72,9%	42,6%	61,9%	40,7%	112,4%
2000	39,5%	35,1%	59,7%	77,2%	164,8%	60,9%	36,0%	57,4%	41,3%	97,1%
2001	54,7%	32,4%	74,4%	117,9%	109,7%	78,9%	39,5%	59,2%	45,4%	111,7%
2002	51,2%	43,1%	47,1%	118,7%	127,2%	69,8%	31,4%	45,5%	46,8%	105,2%
2003	38,1%	54,1%	53,0%	63,0%	132,7%	60,7%	38,1%	38,0%	44,6%	81,2%
2004	34,4%	n.d.	61,4%	89,3%	58,9%	65,0%	37,0%	33,2%	46,8%	81,0%
2005	38,5%	n.d.	57,7%	n.d.	45,6%	75,2%	41,5%	39,2%	51,9%	78,3%
2006	56,5%	n.d.	51,9%	n.d.	n.d.	75,3%	n.d.	38,1%	49,3%	89,2%
2007	66,0%	65,8%	57,3%	n.d.	n.d.	66,0%	n.d.	49,1%	53,4%	87,4%
2008	63,2%	58,0%	52,6%	n.d.	n.d.	55,9%	n.d.	46,4%	53,7%	92,8%
2009	66,7%	51,4%	60,0%	n.d.	n.d.	71,1%	n.d.	n.d.	47,2%	90,8%
2010	51,9%	n.d.	51,7%	n.d.	n.d.	58,3%	n.d.	n.d.	52,8%	72,7%
2011	n.d.	n.d.	56,7%	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	57,4%	33,1%
2012	n.d.	n.d.	57,4%	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	51,2%	n.d.
2013	n.d.	64,0%	58,7%	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	54,1%	n.d.

n.d.: não disponível

**Quadro 5: Preço pago aos cafeicultores como porcentagem dos preços nas bolsas de futuros
Café Robusta**

	Angola	Camarões	República Centro-Africana	Côte d'Ivoire	Gabão	Madagáscar	Tanzânia	Togo	Uganda
1990	171,2%	56,6%	73,5%	66,8%	86,8%	64,9%	34,0%	58,4%	15,1%
1991	204,6%	56,2%	82,3%	72,5%	97,9%	51,1%	38,4%	64,3%	26,6%
1992	117,2%	63,3%	88,5%	82,9%	134,4%	59,0%	38,7%	77,8%	23,4%
1993	25,2%	36,9%	50,7%	58,7%	102,0%	76,9%	25,2%	48,0%	30,4%
1994	NA	26,4%	28,9%	26,3%	24,5%	38,9%	21,2%	23,0%	41,0%
1995	n.d.	44,0%	48,3%	50,2%	34,6%	49,6%	37,7%	51,9%	50,5%
1996	n.d.	68,5%	60,5%	77,4%	53,6%	81,9%	43,2%	84,0%	50,2%
1997	n.d.	51,9%	51,1%	52,4%	50,5%	66,0%	123,3%	59,8%	55,3%
1998	n.d.	47,7%	49,6%	52,5%	65,8%	63,2%	36,9%	65,4%	57,4%
1999	n.d.	48,9%	46,4%	60,6%	92,1%	59,4%	36,7%	67,5%	56,6%
2000	129,0%	75,9%	45,6%	59,5%	127,4%	271,8%	38,1%	57,1%	50,2%
2001	77,8%	88,3%	55,3%	0,0%	200,4%	216,0%	21,8%	64,0%	45,8%
2002	41,4%	62,0%	46,1%	34,6%	172,3%	215,2%	16,6%	70,6%	49,2%
2003	19,4%	65,3%	52,9%	51,9%	n.d.	163,9%	19,7%	66,7%	60,4%
2004	30,2%	n.d.	61,4%	44,9%	n.d.	60,1%	23,0%	66,7%	80,3%
2005	22,3%	n.d.	n.d.	24,0%	n.d.	64,6%	30,5%	59,6%	87,2%
2006	21,7%	n.d.	n.d.	46,8%	n.d.	69,8%	35,9%	74,8%	78,7%
2007	45,9%	70,2%	57,7%	41,8%	n.d.	88,6%	27,2%	72,2%	71,1%
2008	43,5%	54,1%	47,0%	53,4%	n.d.	n.d.	36,3%	79,2%	73,2%
2009	59,3%	55,8%	64,4%	55,4%	n.d.	n.d.	n.d.	66,1%	72,4%
2010	61,7%	n.d.	71,4%	31,3%	n.d.	n.d.	n.d.	58,8%	77,3%
2011	47,7%	n.d.	71,8%	28,1%	n.d.	n.d.	n.d.	73,2%	72,6%
2012	51,7%	n.d.	74,8%	50,4%	n.d.	n.d.	n.d.	74,6%	78,2%
2013	37,1%	78,7%	n.d.	67,4%	n.d.	n.d.	n.d.	78,8%	80,2%

n.d.: não disponível

**Quadro 6: Preços pagos aos cafeicultores como porcentagem do valor unitário das exportações
Produtores de Arábica**

	Burundi	Camarões	Etiópia	Quênia	Malauí	Ruanda	Tanzânia	Uganda	Zâmbia
1990	74,2%	47,9%	66,2%	76,4%	114,9%	92,4%	61,4%	19,9%	112,6%
1991	69,4%	43,3%	65,7%	55,8%	99,9%	66,5%	68,5%	40,1%	85,9%
1992	104,3%	60,0%	55,8%	35,3%	104,9%	91,7%	83,8%	38,4%	54,5%
1993	76,0%	52,7%	73,7%	35,1%	93,2%	69,6%	58,1%	45,1%	64,6%
1994	40,5%	143,0%	87,0%	123,4%	98,7%	33,7%	59,2%	57,5%	59,3%
1995	43,2%	94,1%	71,4%	83,8%	92,1%	48,0%	60,1%	56,0%	56,0%
1996	54,8%	95,0%	59,2%	93,2%	99,1%	67,4%	59,5%	63,8%	74,2%
1997	49,3%	42,7%	62,0%	93,2%	97,1%	38,2%	90,1%	67,5%	79,0%
1998	48,8%	58,1%	61,6%	92,0%	98,2%	52,8%	64,3%	73,7%	85,6%
1999	60,2%	101,0%	59,8%	80,4%	105,7%	45,8%	60,1%	65,2%	93,6%
2000	56,4%	43,4%	58,9%	86,8%	102,8%	34,5%	64,4%	64,7%	93,4%
2001	63,3%	31,7%	56,5%	103,1%	96,5%	25,5%	56,3%	68,8%	99,4%
2002	67,3%	32,7%	45,2%	86,2%	102,9%	48,5%	44,6%	69,5%	96,8%
2003	60,8%	39,6%	58,8%	53,9%	79,2%	53,7%	41,4%	73,6%	97,6%
2004	41,1%	N.D.	70,7%	61,7%	96,6%	54,4%	38,3%	72,4%	94,4%
2005	50,8%	N.D.	60,7%	n.d.	95,4%	56,6%	43,9%	67,0%	93,3%
2006	64,1%	n.d.	54,7%	n.d.	90,1%	n.d.	39,3%	65,1%	96,2%
2007	91,8%	83,7%	59,5%	n.d.	80,6%	n.d.	54,8%	71,7%	94,8%
2008	76,0%	64,9%	50,3%	n.d.	84,9%	n.d.	48,3%	67,2%	100,7%
2009	83,0%	62,8%	59,6%	n.d.	79,2%	n.d.	n.d.	64,1%	82,6%
2010	49,5%	n.d.	58,8%	n.d.	54,9%	n.d.	n.d.	73,1%	77,4%
2011	n.d.	n.d.	62,6%	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	78,9%	40,0%
2012	n.d.	n.d.	51,7%	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	65,6%	n.d.
2013	n.d.	71,9%	47,8%	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	69,1%	n.d.

n.d.: não disponível

**Quadro 6: Preços pagos aos cafeicultores como porcentagem do valor unitário das exportações
Produtores de Robusta**

	Angola	Camarões	República Centro-Africana	Côte d'Ivoire	Gabão	Tanzânia	Togo	Uganda
1990	209,1%	61,4%	93,9%	63,5%	135,8%	39,2%	52,0%	17,5%
1991	234,7%	58,3%	92,9%	75,2%	141,2%	41,4%	64,3%	29,6%
1992	137,7%	69,6%	104,9%	101,8%	189,3%	44,9%	68,8%	25,5%
1993	28,5%	54,0%	87,6%	78,2%	176,3%	28,0%	62,2%	36,1%
1994	n.d.	62,3%	60,1%	50,9%	39,0%	24,5%	62,7%	59,0%
1995	n.d.	55,4%	64,9%	50,6%	69,2%	38,1%	81,3%	59,0%
1996	n.d.	71,3%	78,2%	76,4%	80,6%	43,6%	74,9%	59,7%
1997	n.d.	77,7%	55,5%	69,6%	n.d.	137,6%	73,2%	68,8%
1998	n.d.	56,4%	60,3%	62,0%	91,9%	37,7%	81,3%	68,3%
1999	n.d.	54,2%	53,8%	61,6%	132,3%	34,9%	72,9%	69,0%
2000	125,6%	67,6%	53,5%	57,4%	169,6%	33,0%	63,4%	61,5%
2001	59,5%	63,2%	65,4%	0,0%	263,8%	15,4%	62,1%	51,3%
2002	4,6%	35,2%	84,1%	35,2%	128,8%	15,9%	67,1%	64,6%
2003	17,4%	41,0%	64,6%	51,2%	n.d.	21,0%	69,8%	71,2%
2004	28,2%	n.d.	68,2%	41,5%	n.d.	15,2%	67,4%	86,5%
2005	23,8%	n.d.	n.d.	25,1%	n.d.	30,1%	67,3%	90,0%
2006	22,1%	n.d.	n.d.	46,2%	n.d.	43,1%	81,0%	79,8%
2007	45,2%	82,1%	53,9%	41,7%	n.d.	33,4%	83,1%	78,6%
2008	37,3%	57,2%	39,8%	51,4%	n.d.	45,7%	83,1%	81,0%
2009	45,4%	64,2%	56,9%	53,9%	n.d.	n.d.	64,5%	78,1%
2010	51,5%	n.d.	74,1%	33,2%	n.d.	n.d.	72,7%	83,7%
2011	52,2%	n.d.	106,2%	27,5%	n.d.	n.d.	75,9%	80,2%
2012	50,3%	n.d.	114,7%	50,0%	n.d.	n.d.	79,9%	79,2%
2013	35,3%	81,4%	0,0%	62,8%	n.d.	n.d.	74,8%	81,2%

n.d.: não disponível

**Quadro 7: Produtividade da cafeicultura na África
(média dos anos-safra de 2010/11 a 2013/14)**

	Produção média		Área cultivada média (hectares)	Produtividade (kg/ha)
	(milhares de sacas de 60 kg)	(toneladas)		
África	16 143	968 573	2 370 184	408.65
Etiópia	6 783	406 977	509 000	800
Uganda	3 330	199 771	282 284	708
Côte d'Ivoire	1 753	105 206	360 000	292
Tanzânia	825	49 484	229 000	216
Quênia	756	45 355	110 000	412
Madagáscar	556	33 367	150 000	222
Camarões	440	26 372	120 000	220
Guiné	374	22 469	46 000	488
Congo, República Democrática do	336	20 186	200 000	101
Burundi	281	16 864	60 000	281
Ruanda	270	16 181	42 000	385
Togo	125	7 506	40 000	188
República Centro-Africana	65	3 921	38 000	103
Serra Leoa	61	3 679	15 000	245
Gana	58	3 497	15 000	233
Nigéria	43	2 575	50 000	51
Angola	33	1 971	52 200	38
Malauí	22	1 292	7 000	185
Libéria	10	612	2 000	306
Zâmbia	10	576	9 000	64
Zimbábue	8	498	8 000	62
Congo, República do	3	180	8 000	23
Gabão	1	35	1 500	24
Benin	0	0	15 000	0
Guiné Equatorial	0	0	1 200	0